

- **LINGUAGEM, CORPO E PSICANÁLISE: O AFETO DA ANGÚSTIA**
Coordenador(a): Conceição Azenha

A premissa de Lacan de que o inconsciente é estruturado como linguagem nos convoca a examinar as conexões possíveis entre linguagem e psicanálise. O grupo de pesquisa SemaSoma está se dedicando atualmente ao estudo do Seminário X (A Angústia) de Lacan. Nesta perspectiva, a angústia é entendida como um afeto e os afetos como efeitos da linguagem sobre o corpo. Por outro lado, a consideração sobre o caráter falho da língua por Jean-Claude Milner lança um interrogante: por que Lacan concebeu a angústia como o único afeto que não engana, em contraposição à equivocidade característica da língua? Essa é a questão principal em torno da qual se organiza o simpósio que propomos.

A ANGÚSTIA DO TEÓRICO: O SUJEITO DO INCONSCIENTE (LACAN) ATRAVESSA O SUJEITO DO DISCURSO (PÊCHEUX)

José Guillermo Milán-ramos (UNICAMP)

O texto "Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação", de Michel Pêcheux (1978-9) tem um valor inapreciável para compreender o movimento e o destino teóricos da análise do discurso, porque nele Pêcheux consegue assumir e descrever um momento de crise da teoria e do teórico (refere-se ao movimento da teoria como um "processo sem fim de retificações coordenadas"). É um desses raros textos que, como diz Lacan a respeito do Curso de Linguística Geral de Saussure, "só pode ser detido em seu próprio movimento".

Nesse texto-krísis - que supõe decisões e julgamentos difíceis, que separa, isto é, que "obriga a tomar partido" - Pêcheux afirma que "alguma coisa não ia bem" (ou "ia bem demais") na "Tríplice Aliança" político-teórica (Marxismo-Linguística-Psicanálise) que constitui a análise do discurso, e como tentativa de resposta produz dois gestos teóricos: (i) enfaticamente reafirma Althusser no fundamental (perante o "biologismo larvado" das análises de Foucault); e (ii) afirmando que "alguma coisa está falhando também do lado da Psicanálise", retifica-se a si próprio pela escorregada psicologista-platônica em *Les vérités de La Palice* (1975; Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio, Ed. da Unicamp). Culmina afirmando o primado prático da luta de classes e do inconsciente (o pensamento teórico é fundamentalmente inconsciente, diz Pêcheux). A partir da caracterização e determinação desse texto- crise-retificação como um momento privilegiado de angústia-e-subjetivação da teoria (um momento em que "a teoria é sujeito"), propomos compreender a afirmação de Pêcheux & Fuchs (1975) de que a teoria psicanalítica do sujeito não somente se "articula" no interior da análise do discurso, senão que o "atravessa", na medida em que, quero argumentar, "o inconsciente é linguagem" (Lacan), na medida em que o inconsciente parasita o discurso (o enunciado e a enunciação).

A ANGÚSTIA E A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS AUTISTAS

Eliana da Silva Benguela (UNICAMP)

Partindo da angústia como constitutiva de uma organização psíquica, o trabalho interroga as possibilidades de constituir uma clínica psicanalítica com crianças diagnosticadas como autistas. O autismo será focado enquanto patologia mental da infância designada desde Kanner (1943), quando a possibilidade de crianças apresentarem a função subjetiva anulada passou a ser tratada como um enigma. Uma patologia que não envolve apenas a questão do tratável ou não tratável, mas um certo estilhaçamento teórico que coloca a subjetividade entre o inato, o

relacional e o efeito de linguagem. Um ponto lançado ao infinito, onde nos deparamos com o horizonte mítico de nossa constituição humana.

A questão que será enfocada é como na psicanálise com essas crianças se faz possível contar com algum tipo de transferência, que é a condição básica para uma direção de tratamento, isto é, uma ação clínica. Considerando que a transferência, enquanto método diferencial da prática psicanalítica implica tomarmos a angústia como sua operadora; citando J. Lacan: "Agir é arrancar da angústia sua certeza. Agir é operar uma transferência de angústia".

Um ponto que será levantado é que não podemos adiantar a idéia de que uma criança na condição de autista apresenta angústia e assim propor uma técnica de tratamento psicanalítico, se faz necessário interrogar como a angústia se apresenta em cada caso e se pode ser sinalizada antes de uma posição subjetiva e retroativa no discurso. Retomaremos diferentes formas com que psicanalistas, que se interessaram por essa clínica, se posicionaram frente a essa problemática. A noção de perda e de falha será enfocada como uma linha de demarcação possível entre as teorias e abordagens, mesmo porque a própria articulação entre o que seria uma teorização e uma abordagem se faz necessária enquanto investigação.

ANGÚSTIA E PSICOSE: UMA REFLEXÃO SOBRE A ARTICULAÇÃO CORPOLINGUAGEM

Suely Aires Pontes (UNICAMP)

A concepção de linguagem que embasa a teoria lacaniana permite supor que o significante representa o sujeito para outro significante, afirmação insustentável se não diferenciarmos o conceito de significante tal como proposto por Saussure de seu homônimo psicanalítico. Para Lacan a linguagem não tem como função apenas a comunicação, sendo considerada como campo fundamental para que surja a dimensão do engano, do performativo, da representação subjetiva e do desejo. Seu questionamento em torno da noção de inconsciente o conduz a articular corpo e linguagem de uma maneira própria, defendendo que em sua constituição o corpo sofre os efeitos da linguagem. Nesse sentido, corpo deve ser diferenciado de organismo por sua tripla incidência constitutiva: (1) imaginária, ao oferecer uma identificação entre imagem corporal e eu (moi); (2) simbólica, como representação social de um reconhecimento do Outro e (3) real, como presença que faz obstáculo à palavra. Ora, se o corpo é constituído e não um dado natural, se a linguagem tem aí papel princeps, pode-se supor que as relações do sujeito ao significante implicam em alterações em sua representação corporal. Nesse sentido, cabe abordar a psicose como uma estrutura clínica cujos sujeitos apresentam uma relação particular com a linguagem e com o corpo, sendo freqüentes relatos de situações extremas de angústia que produzem passagens ao ato. Neste trabalho buscarei apresentar a concepção de linguagem que embasa a teoria lacaniana, suas incidências sobre o corpo e o afeto de angústia como momento pontual de fracasso da linguagem.

CORPOLINGUAGEM NA HISTERIA E NA ESQUIZOFRENIA

Nina Virginia de Araujo Leite (UNICAMP)

O objetivo deste trabalho é avançar na fundamentação das articulações corpo e linguagem a partir da comparação de dois quadros clínicos: a histeria e a esquizofrenia. Se o corpo é constituído pela linguagem, diferenciando-o com isto do domínio do organismo, e configurando um corpo construído pelo campo do sentido e das representações, é necessário indagar a especificidade do estatuto do corpo para sujeitos que mantêm posições diferenciadas na linguagem. Para tanto, tratarei de contrastar o estatuto do sintoma no corpo da histeria e as produções lingüísticas de um esquizofrênico, depreendendo conseqüências para se pensar o

corporeidade. Mais ainda, dado que a angústia é um afeto singular, no sentido em que não engana (sendo por isto não dialetizável) e, uma vez que o afeto é definido como o efeito da linguagem sobre o corpo (o significante afeta o corpo), o que podemos avançar a respeito da particularidade desse "não engano" da angústia na histeria e na esquizofrenia?

CORPOLINGUAGEM NO DISCURSO ACADÊMICO

Vera Lúcia Colucci (UNICAMP)

Intelectuais provados em seu trabalho de escrita acadêmica, e que não têm qualquer problema significativo com o uso da língua, mas ao contrário, têm familiaridade com a forma do texto acadêmico, podem sofrer fortes tensões diante da tarefa de escrever um artigo científico ou congêneres. Há algo inerente ao trabalho intelectual e teórico que movimenta a estrutura da angústia; há algo que se manifesta no tempo dessa escrita, naquilo que ele tem de trato com a língua, no qual a passagem do ainda não formulado para uma dada formulação, para uma escrita em fio, que pode abrir-se em uma espera cuja vivência é de grande angústia. Talvez não ocorra o mesmo com um pensamento que seja apenas classificatório e descritivo. A angústia em Lacan articula corpo e linguagem; ela é tratada não como emoção, mas como afeto, e como tal a angústia é o que não está ligado a representação, freudianamente falando. Ela segue solta, diferentemente dos significantes que a amarram. Não sujeita à substituição metonímica, a angústia não engana, em contraposição à linguagem, que falha e ludibria.

E SE NÃO HOUVESSE MAIS ENGANO?

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite (UNICAMP)

O presente trabalho pretende avançar nas discussões sobre a angústia que é distinta dos outros afetos por ser o único que não engana. A angústia marca uma outra visada em relação à linguagem justamente por destacar que esta vacila, tropeça. Mas o que é engano? E se não houvesse mais engano? Para abordar tais questões, partimos da afirmativa lacaniana de que "o que engana é o que é da ordem do significante". Sendo assim, é pertinente considerar o engano como ponto estruturante para o humano na medida em que se vincula à constituição do sujeito. O significante enreda a casa dos afetos, marcando os necessários enganos, ao instituir os laços relacionais que permitem ao sujeito desfrutar dos efeitos da imagem unificada de seu corpo e da presença da alteridade. Dessa maneira, a trama entre angústia-engano-significante é destacada no contexto deste trabalho.

INCIDÊNCIAS SUBJETIVAS DE PALAVRAS ALHEIAS NA AQUISIÇÃO DE LÍNGUA MATERNA

Maria Viviane do Amaral Veras (UNIBERO)

Ao conferir à criança o lugar privilegiado de futuro da civilização, o discurso social torna imperativo eliminar qualquer obstáculo a seu desenvolvimento eficaz, buscando assegurar o controle das incertezas do futuro. Dentro desse quadro de expectativas, vem assumindo um papel de destaque o ensino/aprendizagem de língua inglesa, oferecida como mercadoria que "agrega valor" à escola maternal e, ao mesmo tempo, promete um aprendizado prazeroso e natural. A tentativa de evitar que a criança estranhe a outra língua leva à utilização de métodos (que não constituem o foco deste trabalho) que facilitem o contato e tornem essa língua "familiar": à medida que a história infantil vai sendo contada/lida em português (para citar um exemplo), o Lobo Mau vira Wolf Bad, porta vira door e boca grande, mouth big, sem levar em conta a constatação de Alice de que as palavras sozinhas não servem para nada. O objetivo deste trabalho é perguntar: 1) Que efeitos pode ter, em crianças que ainda estão fazendo a sua "entrada" na

língua portuguesa, esse tipo de contato com uma língua que não se apresenta como um funcionamento simbólico, necessário, segundo Cláudia Lemos, para capturar a criança? 2) Se o "momento de angústia", como o nomeia Jacques Lacan, é uma condição necessária para que haja sujeito, como evitar o que resiste à assimilação pelo significante e resta, para sempre inacessível, como objeto-causa de desejo?

O DISCURSO PEDAGÓGICO E ANGÚSTIA

Conceição Azenha (UNICAMP)

Em nossos tempos, toda empresa educativa tem como meta educar uma criança para que venha a ser, no futuro, um adulto a quem nada falte. Em outras palavras, poderíamos dizer que a ação pedagógica tem se pautado por fazer faltar a falta, formulada em termos de um planejamento pedagógico que siga à risca os estágios do desenvolvimento psicológico. Sabemos que a falta é condição para o desejo, incluindo o desejo de aprender. Dado que a angústia é um afeto que justamente aparece quando falta a falta, que articulações poderíamos fazer entre o discurso (psico)pedagógico hegemônico e o mal-estar atual na Educação? Se tomarmos a angústia como o afeto que não engana em contraposição à ilusão pedagógica moderna de uma criança ideal, que desdobramentos teóricos poderíamos operar na direção da "angústia" freqüentemente relatada pelos professores?